

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

LARISSA CRISTINA SILVA DE JESUS

SEM FILTROS:
A beleza das mulheres reais

Mariana
2023

LARISSA CRISTINA SILVA DE JESUS

SEM FILTROS:

A beleza das mulheres reais

Produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano

Mariana

2023

TEXTO 1 - Existe beleza sem filtro?

Existe beleza sem filtro?

Passeando pelo Instagram, entre pores do sol, selfies, anúncios e algumas imagens acompanhadas de “O de hoje tá pago”, “Deus no comando”, e “Gratidão” e mais uma enxurrada de conteúdo da sessão “explorar”, detenho-me em um desafio lançado por Ana Furtado, 49 anos, ex-apresentadora da TV Globo, jornalista, atriz e empresária. Ela levanta questões sobre a autoaceitação feminina, beleza natural e sem filtros. Propõe que mulheres gravem a si mesmas utilizando um filtro de embelezamento. Depois retirem esse filtro e se posicionem em frente a uma fonte de luz natural, que mostre a pele com detalhes. E, em seguida, deem um zoom no próprio rosto. Enquanto isso, ela mesma aparece no vídeo seguindo todos os passos. A diferença é grande e é um pouco angustiante perceber que a imagem do filtro não era real.

Quantas vezes eu não me senti assim? Quando eu abro meu Instagram, raramente vejo fotos e vídeos de mulheres reais. Não as julgo, porque, assim como elas, eu também “edito” algumas imperfeições que me incomodam. Surpreendente mesmo é quando uma mulher posta uma foto “natural” e, geralmente, ainda vem acompanhada da *hashtag* #semfiltro. Se for uma celebridade, vira assunto até de páginas de fofoca. Naturalmente, a sociedade machista cobra uma aparência perfeita das mulheres, ainda mais quando se trata de mulheres que estão sempre na mídia, como Ana Furtado, que, além de ter, atualmente, 5.8 milhões de seguidores no Instagram, já atuou em diversas novelas e também apresentou na Globo, a maior rede de televisão brasileira, programas como “Vídeo Show”, “Encontro com Fátima Bernardes” e “É de Casa”.

Mulheres com essa visibilidade são sempre alvo dos sites de fofocas, das revistas, dos paparazzi e de páginas famosas nas redes sociais, que, geralmente, antes de comentar o seu desempenho no trabalho, criticam a aparência da mulher. Vale lembrar também que Ana Furtado começou sua carreira como modelo, uma profissão muito cruel com as mulheres na cobrança por um corpo cada vez mais magro. Como se não bastasse a pressão estética, Ana ainda ganhou fama de apresentadora substituta, o que lhe rendeu, inclusive,

muitos memes nas redes sociais, pois, apesar de não ter um programa próprio, era sempre prontamente colocada para substituir qualquer pessoa que precisasse se ausentar de um programa. Por ser casada com Boninho, diretor muito famoso e poderoso da TV Globo, conhecido principalmente por estar à frente do grande reality show Big Brother Brasil, chega a ser diminuída ao papel de “mulher do Big Boss”.

Ao mesmo tempo, Ana continua se encaixando em muitos padrões de beleza. É engraçado acompanhar seu discurso, pois, para uma mulher como ela, aparecer sem filtros no Instagram é muito diferente do que seria para outras mulheres, já que todas as “imperfeições” são escondidas e retocadas através dos procedimentos de beleza. Quem acompanha o universo dessas celebridades sabe bem que grande parte delas é adepta dos famosos tratamentos e procedimentos estéticos que prometem manter a jovialidade e a beleza. Aos 49 anos de idade, Ana não é mais uma mulher tão jovem. No entanto, não quer ser tomada pelas rugas e marcas naturais que chegam com a idade, por isso recorre a tratamentos e procedimentos.

Certo dia, entre comes, bebes, risos e fofocas, bem no meio de uma comemoração de aniversário, ouço alguém questionar: “Ô, Marlene!”, (nome fictício, para preservar a mulher citada), “Quantos anos cê tá fazendo mesmo?”. Era provocação. Todos sabem que é praticamente um pecado perguntar a idade dela. Nos seus aniversários, a aposta é sempre a mesma e a gente se pergunta: “Quantos ela tem?”. A curiosidade permanece ano após ano, mas o que me intriga é o medo de envelhecer que paira sobre ela. Por que revelar a idade é algo que tanto lhe desagrada? Será porque a sociedade proíbe a nós, mulheres, de envelhecer? Por que, para ser bonita, é preciso ser jovem? Eu acredito que ela pensa assim. Mas eu, se estivesse no lugar dela, queria mais era revelar a minha idade mesmo. Bonita do jeito que ela é, tendo a idade que eu imagino que ela tenha, todos iriam morrer de inveja e perguntar se estou sendo conservada no formol.

Por que o medo de envelhecer assombra tanto as mulheres? Nós, mulheres, somos criadas para agradar aos outros, principalmente aos homens, tanto em comportamento, quanto em aparência. Além de recatadas e do lar, temos que ser lindas para o olhar masculino e para o olhar de outras mulheres, que acabam se tornando nossas rivais. Mas nunca conseguimos ser bonitas o

bastante, porque ser bonita nessa sociedade significa ser branca, magra, sem deficiência, sarada (mas não muito!) e jovem. Eternamente jovem. De preferência, com um pouco mais de peito e um pouco mais de glúteos. E mais uma infinidade de coisas. Tudo isso ao mesmo tempo.

As mulheres são diversas, mas a pressão por esse ideal de beleza atinge todas nós, de diferentes formas. E é relativamente fácil ser bonita sem filtros como Ana Furtado, que levanta a hashtag em suas redes, usando produtos de beleza com valores exorbitantes. É relativamente fácil ser bonita sem filtros, tendo tempo e dinheiro de sobra para fazer sua rotina de skincare com os melhores e mais caros produtos do mercado de beleza. E essa rotina inclui sérum facial, vitamina C, hidratante facial, hidratante labial, máscara de hidratação, entre outros. Também é relativamente fácil ser bonita tendo acesso a alimentação equilibrada, atividade física, cultura, saúde de qualidade e todos os seus direitos básicos e condições materiais de existência garantidos, sendo que algumas mulheres não têm condições nem de comprar um creme hidratante corporal no supermercado. Algumas, mal conseguem garantir alimento em quantidade e qualidade suficiente. É relativamente fácil ser bonita sem ter que trabalhar 8h, 10h 12h por dia e ainda pegar condução e cuidar da casa e da família.

E, aí, eu me lembro da Marlene e me pergunto quanto tempo da vida ela teve que dedicar para retardar o envelhecimento. E se ela já teve que parcelar um tratamento dermatológico ou se já gastou o único dinheiro que tinha guardado em um procedimento estético. Ou se ela só tem o que eu chamava de “genética boa”. A “genética abençoada” que eu tanto queria ter. Talvez ela nunca tenha feito nenhum esforço para envelhecer “tão bem”, como todos dizem. E isso não pode ser motivo para que eu me compare com ela. Porque, talvez, eu não tenha a mesma “sorte” que a Marlene. Talvez, para ter o mesmo destino, eu precise gastar tanto tempo, tanto dinheiro, abrir mão de tantas experiências e de tantos prazeres, que, no fim, não valha a pena. Porque a vida real não tem filtro. E eu acho que eu quero é viver sem filtro mesmo. Dar muitas risadas, conhecer muitos lugares e comer muitas comidas gostosas. Quero que minha vida, meu tempo e meu dinheiro sejam para me fazer feliz, não para agradar a alguém. E, a cada dia, meu corpo vai ter uma porção de novas histórias para contar. E,

quando envelhecer, vai estar estampado no meu rosto, sem filtro nenhum, o quanto eu vivi.

TEXTO 2 - Foco, força, fé e lipoaspiração

Foco, força, fé e lipoaspiração

No trabalho do meu namorado, a maioria dos funcionários é mulher. Certa vez, propuseram lá o seguinte desafio, completamente descabido: a mulher que conseguisse emagrecer mais, durante o período de um mês, ganharia um prêmio em dinheiro e uma faixa simbólica, como aquelas usadas pelas misses. A princípio, para quem escuta tal história, pode até parecer mais um desafio simples e inocente. Mas, na verdade, principalmente para aquelas mulheres, aquilo se tornou uma prova de fogo e, para uma delas em específico, literalmente, uma prova de vida ou morte.

Karen (nome fictício), a colega vencedora do desafio, emagreceu 6 quilos. Porém, durante o tempo desse desafio, ela se submeteu a diversos métodos perigosos, incluindo medicamentos emagrecedores, como o Xenical, remédio que custa mais de R\$200 (quase o valor do “prêmio” do tal desafio). Remédio que só deveria ser vendido e comprado com receita médica. Pois provoca efeitos colaterais seríssimos, como infecção respiratória, pedra nos rins, anemia, osteoporose e por aí vai... Um remédio que é indicado para tratamento de pacientes com fatores de risco associados ao sobrepeso e obesidade, o que, definitivamente, não era o caso da Karen. Mas, para ela, valia de tudo para vencer esse desafio, até mesmo receitas malucas e jejuns de mais de 24h. Tudo isso sem nenhum acompanhamento médico. Inclusive, Karen chegou a desmaiar em um dia em que acompanhava sua tia ao médico, justamente pelo fato de estar há muitas horas sem se alimentar.

Em 2017, durante o programa The Bate Boca, apresentado pelos jornalistas Léo Dias e Bruno Chateaubriand, que permaneceu ao vivo no Facebook durante o intervalo, a influenciadora digital, empresária e agora ex-BBB Bianca Andrade, 28 anos, mais conhecida como Boca Rosa, deixou escapar que emagreceu através de lipoaspiração. Para seu público, a história era outra: a influenciadora alegava que as mudanças em seu corpo teriam ocorrido depois de ela ter modificado sua alimentação.

Os seguidores de Bianca, naquela época, eram mais de 13 milhões e, atualmente, já são 18,4 milhões. Inclusive, é muito possível que eu estivesse entre eles ou que a colega do meu namorado ainda esteja. A grande maioria deles não possui as mesmas condições que a blogueira para recorrer a procedimentos cirúrgicos. Mesmo através de alimentação saudável e atividade física é possível dizer que essas pessoas não poderiam alcançar resultados similares. Tanto porque cada corpo é diferente, quanto porque o estilo de vida que possuem é completamente diferente do da blogueira. E esse “estilo de vida” não é uma questão de escolha, na grande maioria das vezes.

É muito comum recebermos elogios a cada vez que emagrecemos. Quem nos elogia não faz a menor ideia do motivo da perda de peso. Já vi pessoas emagrecerem muito rapidamente por causa de uma diabetes ainda não diagnosticada. Já ouvi relatos de pessoas que perderam peso após crises severas de ansiedade e depressão e que, ao contarem isso, tiveram como resposta: “Pelo menos você emagreceu”.

A cantora Kelly Key, 39 anos, – aquela do hit “Baba Baby”, que bombou em 2001 – é outra personalidade presente nas redes sociais, com 8,7 milhões de seguidores, para os quais mostra uma rotina intensa de treinos para manter a boa forma. Grandes marcas usam o alcance de mulheres como ela nas redes sociais para se promover e vender seus produtos. Em uma dessas postagens, a agora influenciadora digital fitness surge em seu perfil trazendo uma publicidade paga de um tal batom que emagrece, alimentando em seu público, que agora talvez deposite todas as suas esperanças naquele método milagroso, o desejo ter o corpo da celebridade.

Com essa ideia de que é só ter “foco, força e fé”, ao assistir Bianca Andrade dizendo como emagreceu apenas baseando sua alimentação em “comidinhas da terra”, mulheres, como aquela colega de trabalho do meu namorado, fazem dietas super restritivas e se negam a comer qualquer coisa que seja considerada um vilão do emagrecimento. Quando não emagrecem – ou até emagrecem, mas acabam ganhando peso novamente, já que ninguém consegue viver a vida inteira em tanta restrição –, essas mulheres, além de permanecerem insatisfeitas, ficam frustradas e pensando que a culpa está nelas, que não devem ter tido “foco, força e fé” o suficiente.

Depois de não perder peso, mesmo passando horas, muito mais do que o saudável, na academia, onde é muito comum a frase "no pain, no gain", a culpa deve ser da mulher, que não se sacrificou o bastante. O jeito deve ser fazer a dieta da luz, igual às plantas (água mais luz é igual a fotossíntese). O jeito deve ser comprar um remédio no mercado clandestino. O jeito é testar o batom emagrecedor da Kelly Key. Por fim, o jeito é entrar na faca mesmo. Cortar cada pequeno gasto e juntar dinheiro até poder pagar pela cirurgia. Talvez morrer em uma clínica.

Morrer em um clínica, depois de uma vida inteira ouvindo que você só seria feliz depois de atingir determinado tipo de corpo, que vestir um biquíni ou qualquer roupa que revelasse suas dobrinhas e celulites era falta de bom senso, que não ser magra era desleixo e falta de cuidado. Depois de ser bombardeada com anúncios que vendiam soluções milagrosas para perder aquela gordurinha que você nunca nem tinha reparado que existia, alguém vai dizer, assistindo à notícia no jornal sobre a sua morte, que você era louca, obcecada por beleza, que você era fútil e "morreu de bobagem". Afinal, "essa menina já era tão bonita antes".

TEXTO 3 - Perfeição fabricada

Perfeição fabricada

Hoje em dia, quando acabamos de conhecer alguém, primeiro, trocamos o arropa do Instagram, antes mesmo de pensar em trocar os números de telefone. Muitas vezes, ao entrar na rede social daquela pessoa, temos a impressão de que não é a mesma que acabamos de conhecer. Ou então conhecemos uma pessoa primeiro no Instagram e, quando nos deparamos com ela pessoalmente, temos a impressão de que é alguém completamente diferente.

Nós publicamos nas nossas redes as fotos em que nos consideramos bonitos. Mais do que isso, publicamos as fotos em que temos uma aparência que, acreditamos, as outras pessoas nos acharão belos. Queremos que os outros vejam, curtam e elogiem nos comentários. Mas enxergar beleza em si mesmo não é uma tarefa muito fácil nos dias de hoje. Estamos sempre em busca de uma perfeição que não existe na vida real. Se não existe na vida real, o jeito é fabricar no mundo virtual. Para isso, existem várias ferramentas de edição de imagem disponíveis. O Photoshop já é um velho conhecido. Mas, se antes a edição das fotos necessitava de um programa complicado, muitas vezes “pirata”, de um conhecimento profissional, de muitos gigas de memória no PC e um bom processador, agora existem diversas ferramentas gratuitas, intuitivas e que cabem no aparelho celular, na palma da mão. Você pode usar até um aplicativo diferente para cada etapa da edição, inclusive.

Lembro-me de uma colega dos tempos de escola. O Instagram não havia sido lançado há tanto tempo e o Snapchat estava em alta. Todos nós estávamos muito presentes nas redes sociais. Lembro-me dessa colega em específico, a Catarina (nome fictício), porque era uma das pessoas que mais manipulava a própria imagem nas fotos que publicava. Para disfarçar olheiras, manchas e, principalmente, espinhas – o que, naquela época, nós tínhamos de sobra –, seu rosto chegava a ficar embaçado, com um efeito de “blur”, literalmente borrado. Nós nos encontrávamos todos os dias na escola e essa também era a frequência

com que ela costumava postar fotos. E todos os dias era possível comparar, frente a frente, a imagem real e a imagem virtual.

Essa situação acontece não só com as pessoas comuns, não famosas, mas também com as celebridades. Na verdade, talvez, só façamos isso por influência de pessoas famosas, pois, quando vemos suas fotos, também desejamos ter aquele corpo perfeito que vemos no feed. A influenciadora digital mineira Camila Loures, 28 anos, por exemplo, constantemente é alvo de uma enxurrada de críticas na internet quando se trata desse assunto. Ela modifica tanto a imagem que posta nas redes, que, quando é flagrada por paparazzi em algum evento ou na rua, a comparação é imediata. Camila é uma jovem influenciadora, mas com histórico muito privilegiado. É uma youtuber milionária, filha de um famoso vendedor de automóveis de luxo e dona de três mansões em Minas Gerais e uma em São Paulo. Inclusive, a primeira delas está localizada na Pampulha, bairro nobre da capital Belo Horizonte. O seu perfil no Instagram conta, até o momento, com 18,3 milhões de seguidores. Ou seja, milhões de mulheres estão ali, se inspirando nela, no seu estilo de vida, nas suas fotos e na sua opinião.

Há uma frase que diz: “Se você não paga pelo produto, você é o produto”. Nenhum de nós paga para acessar as redes sociais. Ao mesmo tempo, elas são uma grande fonte de lucro. Mas não para nós, pessoas comuns. O Instagram é como uma vitrine. Justamente por isso, muitas marcas investem pesado em publicidade paga no perfil de influenciadores, como Camila Loures, por exemplo. Nas redes sociais, tudo está à venda. Lifestyle, cultura, viagens, dietas, cosméticos, harmonização facial, cursos – até curso de como vender curso –, etc. E, por fim, até nossos corpos. Dentre mais uma infinidade de coisas.

Além de ser uma vitrine, a rede social também é uma fonte inesgotável de comparações. Não é à toa que influenciadores ganham procedimentos estéticos gratuitamente em troca de dar visibilidade àquele serviço. Nesse caso, o papel do influenciador é provocar no seu público o desejo de ter algo que não possui, através da comparação. A comparação gera insatisfação e a insatisfação gera consumo. Depois que consumimos, acabamos alimentando o mesmo ciclo, por fazer com que outras pessoas do nosso convívio se comparem conosco.

Sabemos que a insatisfação corporal reina na Internet. O problema é que, muitas vezes, nos comparamos com coisas que não são reais, como as fotos

super retocadas das celebridades. Assim, recorreremos a aplicativos e truques para alcançar aquele corpo, também conquistado através de aplicativos e truques, sem saber que o que vemos também não existe na vida real. E acabamos fazendo com que outras pessoas do nosso convívio virtual utilizem os mesmos aplicativos e os mesmos truques, inspirando-se na nossa aparência, que, por sua vez, foi inspirada pelos corpos irreais das celebridades no Instagram. Nos encontramos no centro de uma engrenagem que movimentamos como hamsters correndo em rodinhas. Movimentamos uma máquina que, para acumular riqueza nas mãos de alguns, não se importa de nos adoecer, empobrecer ou destruir. Quanto mais infelizes formos, mais a máquina gira e mais perto eles estarão do seu objetivo.

TEXTO 4 - Bonita em um passe de mágica

Bonita em um passe de mágica

Depois de uma vida inteira de constrangimento e insatisfação com o próprio corpo, tudo que a gente queria era poder resolver tudo em um “clic”. Algo rápido, indolor, permanente e sem efeitos colaterais. Uma pílula, um implante, uma simpatia, um passe de mágica... Alguns famosos, como a influenciadora digital Virginia Fonseca, 23 anos, contam sobre os “milagres” do chip da beleza, que é nada mais, nada menos, que uma bomba de hormônios injetada no corpo. Olha aí, o passe de mágica. Virginia começou a publicar vídeos nas redes sociais aos 17 anos e atualmente soma mais de 42,4 milhões de seguidores de sua conta no Instagram. Além disso, é casada com o cantor Zé Felipe, filho de um dos grandes nomes do sertanejo, o cantor Leonardo. Além do sucesso nas redes, Virginia também é dona de uma grande marca de produtos de beleza (We Pink) que em 2022 faturou 168,6 milhões e da linha de cuidados infantis Maria’s Baby.

O que o chip da beleza, famoso entre as celebridades, promete? O “chip” é, na verdade, um tubo de silicone que libera um hormônio masculino sintético, a gestrinona, que favorece a diminuição da gordura corporal, ganho de massa muscular e redução da celulite, entre outras coisas, como aumento da libido e interrupção da menstruação. Mas é como diz aquele ditado: “Quando a esmola é muita, o santo desconfia.”

Esse tal chip, que nem é chip, para começo de conversa, não é sequer liberado pela Anvisa e é reconhecido como anabolizante fora do país. Rápido? Sim. Indolor? Talvez. Permanente? Mais ou menos. Sem efeitos colaterais? Aí, já não dá para garantir. Na verdade, os efeitos adversos relatados são aqueles que já cansamos de ouvir falar quando se trata das “bombas”: mudanças na voz, acne, aumento dos pelos do corpo, aumento do clitóris, queda de cabelo, etc... A cantora Gretchen, 63 anos, por exemplo, chamou a atenção nas redes sociais depois de exibir fotos de pelos em todo corpo. A imagem logo causou estranheza na internet, pois os pelos “surgiram” de forma repentina e em uma quantidade

excessiva. E o que será que pode ter causado isso? Para os seguidores da cantora, esse resultado se deu por conta do uso excessivo de hormônios consumidos por Gretchen, que também nunca escondeu o quanto é preocupada com a estética.

Ok, um produto milagroso, todos nós já quisemos ter, pelo menos uma vez na vida. Mas a parte difícil de entender é: como um profissional de saúde prescreve um método altamente inseguro e duvidoso para seus pacientes? Mais do que isso: como alguém usa a influência que tem para colocar em risco as pessoas que confiam nela? Na verdade, difícil é aceitar. Para entender, é só seguir o dinheiro. Do bolso de quem ele saiu até o bolso de quem ele vai encher? De milagres, a Internet está cheia, mas de graça eles não saem.

Quando falamos em truques de mágica, sabemos que o segredo principal é que nem tudo é o que parece. Com uma mão, o mágico faz um malabarismo, enquanto recita palavras, mas é na outra que o truque acontece. Os influencers e os médicos oportunistas, com uma mão – a mesma mão que usam para receber o seu dinheiro –, te mostram um corpo perfeito pós implante. E, na outra mão, escondem, junto com a fortuna acumulada de outras vítimas e uma pilha de processos no Jusbrasil, o AVC, a trombose, o câncer e o pesadelo estético com os quais você vai ter que lidar no futuro. O mágico é um artista. Mas esses aí são charlatões.

TEXTO 5 - Comida é afeto

Comida é afeto

Comida para mim sempre foi algo muito afetivo, eu não como simplesmente pelo fato de sentir fome. Comida não é só um aglomerado de nutrientes, vitaminas e minerais. Comida é cultura, é socialização, é afeto. E, claro, comida é saúde também. E saúde tem mais a ver com equilíbrio do que com restrição. Isso porque fazemos desse momento uma oportunidade de nutrir não apenas o nosso corpo, mas principalmente os nossos afetos, as nossas relações e a nossa alma.

Quem é de Minas Gerais, por exemplo, sabe que a gente nunca vai embora da casa de alguém sem antes tomar um cafezinho e comer um bolinho, um biscoito ou um pãozinho de queijo. E aniversário sem bolo, então? Não tem base um trem desse! Em meu último aniversário, viajei para o réveillon e acabei ficando sem o tradicional bolo. Mas, quando voltei para casa, alguns dias depois, fiz questão de todo aquele ritual de cantar os parabéns ao redor de um delicioso bolo, bem chocolatado. Para mim, definitivamente, não existe aniversário sem bolo, nem que seja uma mísera fatia de bolo com uma velinha acesa. Comi aquele bolo com tanta vontade e alegria que sinto pena quando paro para pensar na vida literalmente sem doce da Maíra Cardi. Enquanto ela tem se privado do que ela diz que são os vilões da dieta, eu ainda sinto o doce gosto do meu bolo de aniversário

Ninguém come nutrientes, come comida. Ninguém toma vitamina de cálcio e frutose no café da manhã. Ninguém almoça um prato de carboidrato, proteína, ferro e fibras. Aos fins de semana, ninguém sai para comer um sanduíche de gordura saturada. Sua avó nunca vai te contar histórias do pé de vitamina C que a casa dela tinha na infância.

A Internet está repleta de gente que ignora tudo isso e se diz especialista em emagrecimento, sendo que essa especialidade nem existe na área da nutrição. Um exemplo disso é Maíra Cardi, 39 anos, que se define como coach de emagrecimento e vende para seus 8,5 milhões de seguidores no Instagram

cursos com receitas e dietas milagrosas para que você atinja o corpo dos sonhos. Obviamente, o corpo dos sonhos ao qual ela se refere não se trata de um corpo saudável e feliz, mas do corpo padrão, sem gordurinhas localizadas, sem celulites, sem flacidez... Enfim, sem identidade. É praticamente impossível entrar no Instagram dela e não se chocar ao se deparar com vídeos manipuladores e sensacionalistas, em que ela condena açúcares, carboidratos e todo tipo de alimento que, a seu ver, não são saudáveis e só atrapalham o processo de emagrecimento. Nem as frutas escapam do terrorismo alimentar que ela promove. Qualquer nutricionista sério ficaria de cabelo em pé.

Nesse mundo de influenciadores fitness que promovem mais doença do que saúde, o negócio é tomar um shot acelerador de metabolismo pela manhã em jejum, antes do shake de proteína e colágeno e das gominhas de vitamina. No máximo, ovos e batata doce pesados na balança na hora do almoço. De preferência, fazer jejum, como Maíra Cardi alega ter feito por sete dias e incentiva que seus seguidores também façam. Afinal, se ela consegue, todos conseguem. É só ter força de vontade. O próximo vai ser de duas semanas.

No ano de 2022, Maíra fez um rebuliço nas redes sociais quando Arthur Aguiar, seu marido naquela época e então participante do Big Brother Brasil, comeu pão, estragando, segundo ela, todo o trabalho que ela havia tido para moldar aquele corpinho. Comida de verdade, nem pensar. Engorda. A “empresária do emagrecimento” até lançou na rede o descabido termo “estupro alimentar”, que seria o ato de incentivar uma mulher que está em dieta a consumir alimentos “proibidos”, colocando isso no mesmo patamar criminoso de uma violência sexual.

Sentir culpa por comer não é nada saudável. Se tem uma coisa saudável, é sentir prazer em comer, já que é algo que precisamos fazer todos os dias, várias vezes por dia, até o fim da nossa vida. Comer sem culpa não é crime. Crime é usar a Internet para disseminar desinformação e ganhar dinheiro com o adoecimento físico e mental de milhões de pessoas.

TEXTO 6 - Frankensteins do século XXI

Frankensteins do século XXI

Volta e meia, alguma coisa vira moda no mercado da beleza. Já foi moda alisar o cabelo e colocar piercing no umbigo. Já na era da Internet, tivemos a moda da base “reboco”, da micropigmentação de lábios e sobrancelhas, da extensão de cílios. Também não é de hoje que vemos pessoas recorrerem a cirurgias, como lipoaspiração e implante de silicone. Chegamos a conhecer casos de celebridades que tiveram seus rostos deformados após sucessivas plásticas. Mas, se antes esses casos eram exemplos raros de pessoas obcecadas que perderam a mão, agora parece fácil fazer uma lista desses acontecimentos, contando inclusive com pessoas conhecidas.

Estamos vivenciando uma onda de procedimentos invasivos, muitas vezes envolvendo cirurgias e injeções que têm o poder de modificar completamente as feições de uma pessoa. É harmonização facial, fio de PDO, lentes de contato dental, botox, ácido hialurônico... Aliás, parece que as pessoas ficam tão viciadas em preenchimento hialurônico que se tornam reféns dele. A impressão que dá é que, uma vez que você usa o ácido hialurônico, não consegue ficar sem.

Uma conhecida digital influencer da minha cidade tinha naturalmente lábios bem contornados e marcados. Porém, acabou cedendo ao preenchimento labial por sucessivas vezes e os seus belos lábios se tornaram imensos e exagerados. Por mais que as pessoas falem com ela que não é necessário se submeter a isso, ela insiste. E como fica a responsabilidade e o senso do profissional? Quem seria o mais irresponsável? A digital influencer que se submete ao preenchimento, uma vez que lábios preenchidos estão “na moda”? Ou o profissional que aceita realizar as vontades de sua paciente a todo custo, em troca do seu pagamento – ou em troca de permuta? Muitas vezes, é assim que essas blogueiras trabalham. Elas ganham o procedimento e, em troca, fazem aquela publi nos stories exaltando o resultado.

Flávia Pavanelli, 24 anos, é atriz, youtuber e também influenciadora digital. Está na casa dos 19,1 milhões de seguidores, diferente daquela influencer que é minha conterrânea e que, aqui, chamarei de Franciele, que tem “apenas” 21,9 mil seguidores. Flávia se destacou muito participando de duas telenovelas infantojuvenis no SBT e também já fez sua estreia no cinema nacional. Há algum tempo, ela publicou em sua conta no Instagram que retirou o preenchimento labial que possuía, alegando que gosta mais de seus lábios naturais e menos volumosos. Por que tal decisão agora? Talvez tenha percebido que “perdeu a mão” e esteja tentando reverter o exagero enquanto é tempo, depois de sofrer duras críticas na internet. Quando foi entrevistada pelo jornalista Léo Dias para o portal de notícias Metrôpoles, Flávia alegou que o ácido hialurônico provocou bolinhas em seus lábios e que o ácido não estava no lugar certo. Quem segue a influencer acompanhou os infinitos procedimentos aos quais ela já se submeteu, desde o início de sua carreira até os dias de hoje. Quando olhamos fotos antigas de Flávia Pavanelli e as comparamos com os dias atuais, logo percebemos que não parece se tratar da mesma pessoa.

Sthefane Matos, 23 anos, é outra digital influencer e youtuber muito popular na marca dos 10,5 milhões de seguidores. Além de influencer, é também ex-participante do reality show “A Fazenda” e começou na Internet postando vídeos de “trollagem” junto com seu ex-namorado, o influenciador Abner Pinheiro. Com ele, formou uma família envolvida em polêmicas, como traições e falsa paternidade. Assim como Flávia, Sthefane se transformou em outra pessoa fisicamente. No entanto, as consequências que ela sofreu foram além do físico, pois deixaram traumas psicológicos.

Sthefane reúne em sua lista três rinoplastias mal sucedidas. A primeira rinoplastia foi para mudar seu nariz esteticamente, como afinar e empinar. Sthefane é uma mulher negra, com traços e características marcantes de sua ancestralidade, como o cabelo crespo e o nariz largo e achatado. O padrão de beleza vigente se baseia no tipo físico nas características das pessoas brancas. Se quisermos nos encaixar nesse padrão, muitas vezes temos que apagar qualquer traço de origem não-branca da nossa aparência. Pessoas negras, como Sthefane, frequentemente acreditam que precisam diminuir e afinar o nariz para caber nesse padrão racista. Ao mesmo tempo, os lábios fartos e carnudos característicos de pessoas de ascendência negra, que frequentemente eram

alvo de ofensas racistas, quando incorporados por pessoas brancas, através de preenchimento labial, por exemplo, passam a ser parte do padrão.

Na literatura, Victor Frankenstein, personagem criado por Mary Shelley no século XIX, é um cientista que, após anos de estudo, decide criar um novo ser a partir de partes do corpo de pessoas mortas. Para isso, passa a frequentar cemitérios e seleciona as melhores partes de cada cadáver que encontra, aquelas que melhor serviriam ao seu propósito. Estamos fazendo de nós mesmos uma espécie de Frankenstein, usando partes do corpo de outras pessoas como referência para modificar o nosso.

Queremos aprimorar cada componente da nossa imagem e nos transformar em outra criatura perfeita, segundo os padrões do Instagram e da TV. Queremos a cintura de uma pessoa, a barriga definida de outra; os olhos de uma pessoa, o cabelo de outra; os peitos de uma pessoa, a bunda de outra; o nariz de uma pessoa, a boca de outra... De nós mesmos, tudo o que resta é a insatisfação, que ainda estará lá quando os donos do dinheiro decidirem que o “mercado” precisa girar e, para isso, movimentem toda uma cadeia para vender novas bocas, novos queixos e novas barrigas. Que, assim como os carros e os telefones celulares, foram feitos para ficar obsoletos.

TEXTO 7 - Não basta não morrer, nós queremos viver

Não basta não morrer, nós queremos viver

Em 2014, Andressa Urach, 35 anos, passou meses na UTI, após complicações de uma aplicação de hidrogel que havia feito nas pernas cinco anos antes. Andressa atualmente é youtuber e escritora. Coleciona um número de 2,9 milhões de seguidores no Instagram, mas passou a ser mais conhecida depois de participar do reality show “A Fazenda”, no ano de 2013, onde foi apresentada pela equipe do programa como “Personalidade da Mídia” e por si mesma como “Vice Miss Bumbum”, por ter ficado em segundo lugar em um concurso que leva esse nome. Também já foi dançarina do cantor Latino e assistente de palco do programa Legendários, da Record. Seis meses antes da internação, Andressa já havia sofrido uma infecção decorrente desse procedimento e chegou a fazer a retirada do hidrogel. Ainda assim, voltou a ter complicações gravíssimas mais tarde. O caso teve grande repercussão e apareceu em diversos telejornais, virando um assunto popular, de almoço de família a tema de redação na escola.

Recentemente, li uma matéria sobre o caso feita pela revista Veja, na época em que aconteceu. Nessa matéria, é citada uma fala de Andressa em entrevista ao programa TV Fama, da Rede TV. “Eu vim do interior e sonhava em ser uma grande apresentadora. Aí pensei: como posso ser vista? Eu nasci feia, então eu fiz todas as cirurgias plásticas possíveis. Eu era feia, barrigudinha e narigudinha”, diz Andressa na citação apresentada. Isso me fez pensar em como, de certa forma, essa fala tem a ver com casos de pessoas próximas a mim e até comigo mesma, apesar de eu nunca ter chegado a fazer um procedimento cirúrgico para fins estéticos.

Uma amiga, muito próxima por sinal, colocou prótese de silicone aos 15 anos de idade. Estávamos no primeiro ano do ensino médio. Naquela época, o implante de silicone era um sonho de muitas garotas do colégio, inclusive eu. Vivíamos comparando nossos corpos com os de outras meninas do nosso convívio ou de mulheres famosas. Um dia, ela faltou à escola, o que era raro.

Continuou não aparecendo por mais alguns dias. Quando retornou, disse a todos, com uma história cheia de detalhes, que se ausentou por causa de um acidente em que seu cachorro, um Golden Retriever enorme, a derrubou. Anos depois, admitiu que, na verdade, havia feito um implante de silicone – o que já era óbvio, claro.

Hoje, ela está com seus 25 anos. Já são 10 anos com um corpo estranho dentro de si. Sempre me recordo dessa situação. Nós ainda estávamos na escola, éramos meninas. Tão meninas que ela teve que inventar uma história absurda para ocultar a cirurgia e evitar os comentários que poderiam surgir no colégio. Nossos corpos estavam em fase de desenvolvimento e aquela menina, minha amiga, se submeteu a uma sala de cirurgia para se encaixar no padrão. Por mais que esse corpo estranho que ela carrega nunca tenha dado nenhum sinal de problema, e torço firmemente para que nunca dê, eu penso em quão prejudicial foi essa decisão aos 15 anos. Decisão essa que não foi só dela, pois também precisou da autorização dos pais, afinal, ela era uma adolescente. Aliás, precisou não só da autorização, mas também que seus pais financiassem o procedimento, pois, sendo menor de idade, ela não teria condições financeiras de arcar com uma cirurgia dessa.

Como eu disse antes, nunca cheguei a fazer um procedimento cirúrgico para fins estéticos. Mas e se, naquela época, eu tivesse a mesma oportunidade, com apoio dos meus pais (algo que nem sequer consigo imaginar, pois meus pais condenam muito a atitude da minha amiga, até hoje), com um cirurgião de acordo e com dinheiro suficiente, será que eu teria feito o mesmo? Muito provável que sim. Ou talvez não, não sei. No mínimo, ficaria bastante atraída pela ideia. Isso porque beleza e sucesso sempre andavam juntos na nossa cabeça e, de todos os lados, recebíamos a informação de que não éramos bonitas o suficiente.

Desde sempre, tenho afinidade com a área da comunicação. Quando assistia aos programas de televisão, me imaginava lá, naquele mesmo lugar. Assim como Andressa, eu também sonhava em ser uma grande apresentadora. E, assim como Andressa, eu também sentia que não tinha a aparência adequada para aparecer na TV. Nunca tive uma infecção quase fatal por aplicação inadequada de hidrogel, mas até hoje sofro com uma insegurança que nunca me abandonou. Uma insegurança que não me matou, mas me trouxe prejuízos

incalculáveis. Uma insegurança que não me matou, mas poderia ter matado. Assim como matou a sobrinha da minha vizinha.

A sobrinha da minha vizinha deveria ter mais ou menos uns 30 anos. Eu não a conhecia, mas por foto achei ela muito jovem e bonita. Havia se casado há pouco tempo, na época em que minha vizinha me relatou essa história. Logo após se casar, decidiu realizar seu maior sonho e se submeteu a uma cirurgia estética para colocar silicone nos seios. Menos de uma semana depois de realizar o procedimento, teve um quadro muito forte de embolia pulmonar. A situação se complicou e a recém casada faleceu. Claro que eu preferia ter ouvido falar sobre ela numa situação de felicidade e conquistas, mas a sobrinha da minha vizinha mal pôde aproveitar a fase de recém casada e muito menos apreciar o resultado final daquela cirurgia estética que tanto almejou.

Não é o caso de culpar as mulheres que fazem cirurgias plásticas. Estranho seria se nós estivéssemos satisfeitas com nosso próprio corpo, quando tudo ao redor nos influencia no sentido contrário. Também não é o caso de exigir que mulheres comecem, imediatamente, a se amar como são. Isso nem seria possível. Antes pudéssemos exigir o contrário: que parassem de fazer as mulheres se odiarem. Muitas mulheres, assim como a sobrinha da minha vizinha, morreram por causa da pressão estética. Outras, como Andressa Urach, estiveram à beira da morte. Algumas, como minha amiga, não morreram nem quase morreram, mas se sujeitaram a uma cirurgia que as tornasse mais atraentes ao olhar do outro, antes mesmo de ter condições de saber se aquilo era um incômodo verdadeiramente seu. E eu, como tantas outras mulheres, sempre me pego deixando de fazer ou vestir algo por vergonha do meu corpo. Não basta não morrer. Nós queremos viver.

TEXTO 8 - Nossos cabelos, nossas histórias

Nossos cabelos, nossas histórias

Eu tenho uma priminha, a Rayane. Uso aqui um nome fictício para preservar a sua identidade. Digo priminha, pois ela ainda é uma criança. Apesar disso, desde os seus 3 anos de idade, a sua mãe escova os seus cabelos. Hoje em dia, ela tem apenas 9 anos e sua mãe segue escovando os cabelos dela. A Rayane tem um cabelo cacheado lindo, assim como o meu e de diversas mulheres desse Brasil. Mas, a vida toda, dia após dia, a vejo com seus cachinhos alisados por uma terrível prancha. Uma “simples prancha” de cabelo, que, dependendo do modelo, pode alcançar temperaturas que vão dos 50 aos 160 graus. O que, simplesmente por esse fato, já a torna muito agressiva para uma criança de 9 anos, quem dirá para uma de 3 anos, né? Mas o fato é que a prancha tem o poder de alisar nossos fios, pois provoca alterações químicas e físicas na estrutura do fio.

Esse fato dela viver com os cabelos alisados sempre me intrigava e me entristecia muito, porque eu já imaginava o porquê disso. Um dia, a questioneei sobre o fato dela viver com os cabelos escovados e ela me respondeu: “Minha mãe disse que meu cabelo é feio, por isso tenho que escovar”. Caramba, essa resposta me dilacerou por dentro, pois era apenas uma garotinha tão jovem, mas que já estava sendo “ensinada” a não gostar do próprio cabelo. Claro que, imediatamente, argumentei da maneira mais carinhosa possível, listando “n” motivos que demonstrassem que o cabelo dela já era lindo e que ele não precisava de nenhum tipo de procedimento para ficar bonito.

Quando a mãe da minha prima diz isso para sua própria filha, ela está ensinando a criança a se auto-odiar. Provavelmente, a mãe da Rayane é uma vítima do racismo, que incorporou ao próprio imaginário que a única beleza possível é a branca. E ela está repetindo uma frase que, muito provavelmente cresceu ouvindo, pois, assim como a filha Rayane, ela também escova seus cabelos durante uma vida toda. Ela está esmagando a autoestima da filha, como um dia também esmagaram a sua autoestima. Um caminho que muitas vezes

leva mulheres a suportar agressões de companheiros e maridos, porque não se amam o suficiente, não se consideram plenamente dignas de serem bem tratadas, amadas, admiradas.

Eu também tenho os cabelos cacheados, mas, diferente da mãe da Rayane, minha mãe, mesmo não “amando” meu cabelo, tentou me ensinar a gostar dele e a respeitá-lo. Por mais estranho que isso pareça, minha mãe conta que, quando engravidou de mim e do meu irmão, torceu muito para que nós puxássemos os cabelos bons do meu pai (para ela o cabelo bom é somente o cabelo liso). Resultado, eu e meu irmão nascemos com os cabelos cacheados. Lembro que quando criança eu já quis alisar o meu cabelo de vez, mas minha mãe, graças a Deus, nunca permitiu, pois eu era apenas uma criança.

A minha mãe nunca “assumiu” o seu cabelo e vive com inúmeras químicas e tratamentos para deixar os fios lisinhos. Com certeza, assim como a minha prima Rayane, ela cresceu ouvindo que seu cabelo era feio. Aí eu me questiono: qual teria sido o impacto na minha vida se a minha mãe também repetisse para mim o que ela cresceu ouvindo? Talvez hoje eu não gostasse do meu cabelo. E a minha prima Rayane? Como ela fica nessa história? Talvez ela nunca saia desse ciclo e repasse para as próximas gerações. Mas enquanto mulher e prima dela, não posso fechar os olhos para essa situação. Eu quero que ela cresça se amando e se sentindo linda, pois a sociedade diariamente coloca um peso enorme nas costas de nós mulheres. A vida já é dura demais com a gente, mulheres adultas, é por isso que ela merece uma infância e adolescência regada de amor para se preparar para os desafios da vida da mulher adulta.

E por isso, sempre que me deparo com fotos e vídeos da influenciadora digital e ex-BBB Camilla de Lucas, vem um turbilhão de pensamentos na minha cabeça. Inclusive lembro desta história da minha prima Rayane. Eu já conhecia a Camilla através das redes sociais, mas é notório que ela se tornou ainda mais popular após sua participação no Big Brother Brasil 21 (BBB 21). Inclusive, consagrou-se como segunda colocada do reality show, ao lado da campeã Juliette Freire e do terceiro colocado, o cantor Fiuk. Camilla de Lucas, 28 anos, é youtuber, modelo e influenciadora digital, com milhões de seguidores em sua rede social, mas no ano de 2021 ela ganhou mais visibilidade durante o BBB 21. Junto da ascensão em rede nacional, também veio o racismo, disfarçado de críticas, especialmente porque Camilla é uma mulher negra.

Camilla já levantava a pauta do racismo nas redes sociais e no BBB 21 não seria diferente. Ela trouxe todas essas questões sociais que discutia em suas redes para a tela da TV. E, mais uma vez, os questionamentos que ela já sofria na internet, também chegaram nas telinhas. Camilla é uma mulher negra com cabelos crespos, periférica e também militante das causas sociais. Apesar do sucesso nas redes, eu sempre a via envolvida em “polêmicas” (não sei se essa seria a palavra ideal, mas é a que eu encontrei no momento) em torno do seu cabelo.

Camila nunca “assumiu” seu cabelo afro (não sei se “assumir” também seria a palavra ideal), apesar de ser tão militante nas causas raciais. Desde que a conheço, sempre a vi mudar de cabelo milhares de vezes, mas quase “nunca assumindo” seu black power. Quando era questionada pela mídia, ela falava que gostava de usar laces e sobre as mil possibilidades de penteados que esse acessório lhe trazia. Mas no fundo eu sempre pensava: “Será que é isso mesmo? Ou Camila é mais uma vítima da pressão estética que nós mulheres sofremos? Principalmente as mulheres negras, porque, de quebra, elas ainda lidam com o racismo. Eu não sei como foi a infância e adolescência de Camila, não conheço a fundo sua trajetória. Mas eu acredito que talvez o fato dela não usar seu cabelo black venha de muitos traumas e vivências do passado que seguem com ela até os dias de hoje. Ao mesmo tempo, essa espécie de acusação sofrida por ela (a de que ela não assume seu cabelo natural), é usada como uma forma de descredibilizar as pautas defendidas por ela. Como se o público que a critica dissesse: “Use seu cabelo natural ou devolva já a carteirinha do clube antirracista!”

O que de fato acontece, é que não importa se a Camilla vai “assumir” seu cabelo black, ou continuar usando as laces que ela tanto gosta, o fato é que de toda forma ela sempre será julgada e criticada pela sociedade simplesmente pelo fato de ser mulher e ser uma mulher negra. Se ela usa seu cabelo natural, sofre ataques racistas. Se usa laces e apliques não é mais “empoderada” o suficiente. Seus gostos, suas preferências, sua liberdade e sua vontade de mudar não são levados em conta em nenhuma das duas alternativas. Para a sociedade racista em que vivemos, não importa nada do que ela faça, pois nunca se encaixará no padrão de beleza que a sociedade exige de nós. Esse padrão é inalcançável, pois é um padrão racista, misógino e machista e que, principalmente, esmaga a

autoestima das mulheres. Afinal de contas, nós não queremos nos encaixar nesse padrão, nós queremos quebrar esse padrão, esmagar esse padrão, pois é isso que ele fez a vida toda com a nossa autoestima.

A minha priminha Rayane não é uma menina preta, nem tem o cabelo black como Camilla. É uma menina parda que tem o cabelo cacheado. Ainda que existam diferenças entre as experiências dela, as minhas e a de Camilla, todas essas histórias estão interligadas. Porque os nossos cabelos, o nosso jeito de agir, a nossa maneira de falar, de vestir também contam um pouco sobre a nossa vida, sobre nossos traumas, sobre nosso passado e sobre o nosso presente. Juntos, pardos e pretos formam o grupo dos negros, que são a maioria da população do Brasil e principal alvo do racismo. Infelizmente, nós, mulheres, apesar dos direitos “conquistados” ainda lidamos com problemas do passado, do presente, mas seguimos lutando para que as mulheres das gerações do futuro encontrem uma sociedade que cobre cada vez menos de nós.

TEXTO 9 - Para sempre, Clara

Para sempre, Clara

Clara Nunes, uma das maiores cantoras do Brasil, é natural de Paraopeba, minha cidade. Nasceu no distrito do Cedro, que hoje faz parte do município de Caetanópolis. As duas pequenas cidades, Paraopeba e Caetanópolis, são separadas apenas por uma ponte. É possível ir até a pé de uma cidade a outra. Os mais velhos dizem que houve um tempo de rivalidade entre os dois municípios, cada um alegando ser a verdadeira terra de Clara Nunes. Clara morreu jovem e no auge de sua carreira, mas deixou um legado que sobrevive até os dias de hoje.

Não é à toa que o município de Caetanópolis criou, em sua homenagem, um festival cultural que acontece todos os anos em agosto, próximo da data de aniversário da artista, para celebrar o talento, o sucesso e a história de Clara Nunes. O Festival Clara Nunes é um evento que ocorre gratuitamente na praça da Igreja Matriz e movimentou Caetanópolis, Paraopeba e diversas outras cidades da região e traz até mesmo fãs de outros lugares do país e do mundo. Dessa celebração, já participaram grandes nomes da música brasileira. A Velha Guarda da Portela, com quem Clara tinha uma grande ligação, todos os anos marca presença.

Em novembro de 2022, a cidade de Caetanópolis fez a restauração da casa onde Clara cresceu. Eu estive presente na inauguração, que foi linda e emocionante e que, assim como o festival, reuniu gente do Brasil inteiro para saudar a grandiosa Clara Nunes. Muito antes disso, já existia na cidade a Casa de Cultura Clara Nunes, que tem as paredes decoradas com uma porção de fotos de Clara. Me lembro de, desde criança, visitar esse espaço, e observar aqueles retratos nas paredes. Não pude deixar de perceber como ela era uma mulher muito bonita e que chamava atenção por onde passava. O que também era constantemente reforçado por aqueles ao meu redor que eram seus contemporâneos. Como eu também frequento muito Caetanópolis, ouço sempre, entre os burburinhos da cidade, que além de muito bonita, ela era uma mulher

muito preocupada com sua aparência. E esta informação sempre me chamou muita a atenção. Imagino que, mesmo sendo de uma cidade pequena, como mulher e, principalmente, como artista, Clara deve ter sofrido muito com a pressão estética sobre ela.

A história que conheço sobre a sua morte foi que ela morreu fazendo uma cirurgia estética. Essa é a versão que mais circula na região. Mas há controvérsias: alguns alegam que a cirurgia foi feita por questões de saúde. Fazendo uma pesquisa na biografia “Clara, guerreira da utopia”, em busca de uma fonte mais confiável do que os boatos, descobri que Clara começou a tratar varizes depois de uma cirurgia de remoção do útero. No capítulo do livro que trata da morte de Clara, o compositor Paulo César Pinheiro diz que a artista reclamava de dores nas pernas e acreditava que as varizes eram a causa da dor. Mas, ainda segundo Paulo, que era seu marido, Clara exagerava ao falar das dores que sentia. Não gosto da ideia de simplesmente tomar isso como verdade, pois é impossível medir o que o outro sente, por mais próximo que esse alguém seja.

Talvez, as dores de Clara tivessem mesmo outros motivos, como pessoas próximas alegam. Mas, por estar esteticamente incomodada com as varizes, quisesse algo que validasse seu desejo de removê-las. Essa resposta nunca teremos. Que Clara tinha grande preocupação com sua aparência é fato. A própria cantora chegou a dizer para a “Revista do Rádio”, em 1969, que uma cantora precisa ter é uma bela voz e uma ótima aparência. O que mais me choca, porém, é que essa declaração foi dada como resposta para a seguinte enquete: “Cantora tem que ter pernas bonitas?”. Ninguém jamais realizaria uma enquete perguntando se um homem cantor precisa ter pernas bonitas.

Um episódio que também ilustra a preocupação estética de Clara é um telefonema feito por ela a Bibi Ferreira, multiartista, de quem era amiga. Nesse telefonema, feito imediatamente depois do término de um show, Clara relata que está se sentindo muito mal devido aos olhares que o público estaria direcionando às suas pernas, na região da canela. E que observou ali uma veia “estranha, feia mesmo”, nas suas palavras. Disse a Bibi que estava pensando em removê-la.

Em abril de 2023, completaremos 40 anos sem Clara Nunes. Clara decidiu mesmo fazer a cirurgia e optou por utilizar anestesia geral, que não era a mais recomendada pelos médicos, devido ao risco. Os profissionais tentaram

convencê-la a fazer o procedimento com anestesia peridural, mas Clara disse que se não fosse geral, não faria a operação. Tinha medo de que a peridural a fizesse perder o movimento das pernas. Clara sofreu reação alérgica ao halotano, gás do anestésico geral, que levou a um choque anafilático e uma parada cardíaca. Essa é a hipótese mais provável e é a que consta no atestado de óbito. Embora, muito rapidamente, os médicos tenham conseguido fazer com que seu coração voltasse a funcionar, já havia morte cerebral, ou seja, a situação era irreversível. Após ampla investigação, não foi comprovado nenhum erro médico. Ao que tudo indica, foi mais uma infelicidade, já que reações alérgicas nem sempre são previsíveis.

Clara é parte da história da minha cidade. Dona Mariquita, sua irmã mais velha, que foi quem a criou, era uma figura conhecida na região e um elo entre nós, paraopebenses e caetanopolitanos, e a história de vida de Clara. No fim, mesmo que sua cirurgia fosse por uma preocupação estética, o que não é possível afirmar com toda a certeza, não cabe aqui nenhum julgamento a ela. Clara era e sempre será uma estrela. Julgá-la seria dar muito mais valor a isso do que a todo o seu legado. A própria Clara dizia que, quando morresse, não gostaria de ter sua morte transformada em um circo. O que me dói é que esse não é um fenômeno individual. Todos temos nossos gostos estéticos, claro. Mas é inocência pensar que ele não está atravessado por questões externas, por todo um contexto em que estamos inseridos.

Me emociona muito andar pela terra onde Clara nasceu e cresceu e pensar que poderíamos ver até hoje, quem sabe, essa estrela aqui brilhando, aos quase 80 anos de idade. Quem sabe, poderíamos tê-la visto desfilando na Portela, sua paixão, por mais alguns carnavais. Clara partiu quase 15 anos antes de eu nascer. Eu me imagino assistindo a entrevistas suas na TV, ouvindo os novos álbuns que meus pais me apresentariam. E encontrando a própria Clara transitando pela cidade em visita a seus familiares, com o peito transbordando de orgulho, mesmo sem conseguir entender ainda a dimensão daquela artista. A comunicação e as artes sempre foram meu sonho. Mesmo sem Clara aqui, sua história me inspira. Em qualquer circunstância, Clara Nunes é e sempre será presente.